



Fernando Henrique se dirige ao carro presidencial, escoltado por um segurança, na saída do restaurante. Ao fundo, Pimenta da Veiga

Uma noite no Piantella para espantar o tédio

*Ao rever amigos,
FH lamenta a
solidão do poder*

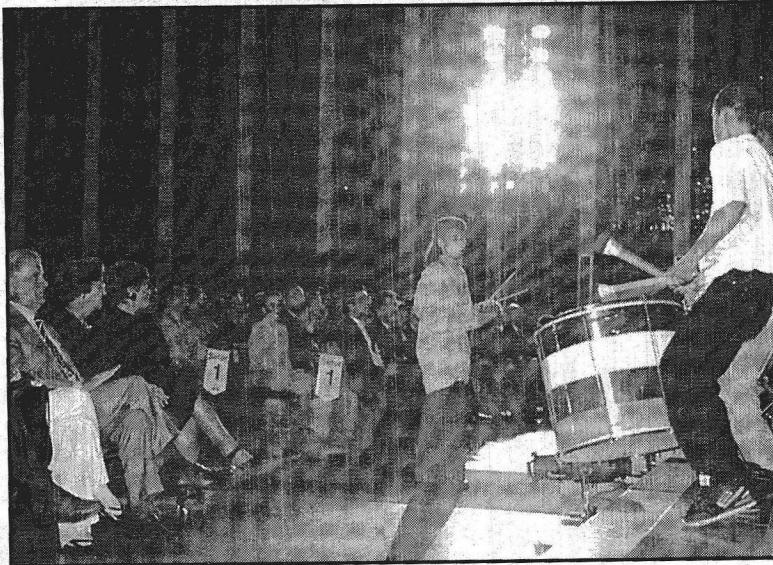
MARIA LIMA

BRASÍLIA — Entediado com a solidão do poder, o presidente Fernando Henrique não resistiu. Embora sob os olhares atentos de dona Ruth, voltou quarta-feira à noite, após o concerto da Banda Mirim do Olodum e do coral gospel Mount Moriah, ao restaurante Piantella, onde costumava atravessar madrugadas em animadas rodas de conversa fiada, articulações partidárias e muita fofoca política. Com um grupo de amigos, entre eles o ex-deputado Pimenta da Veiga (PSDB-MG), sentou-se no canto preferido de Ulysses Guimarães.

Na saída, afastou-se dos seguranças e, enquanto dona Ruth o aguardava no pé da escada, dirigiu-se a antigos companheiros de noitadas no Piantella, entre eles os deputados Miro Teixeira (PDT-RJ) e Heráclito Fortes (PFL-PI). Não conseguiu esconder que sua vontade era se sentar um pouco e relembrar os velhos tempos. Debruçado no espaldar de uma cadeira, recusou o convite e reclamou do isolamento do poder. Lembrou que faz um ano que não vai ao Piantella.

— Agora não posso mais jantar aqui como fazia antes. Eu trabalho muito, não sou mais senador, não tenho mais tempo para fofocar — lamentou.

— Há quanto tempo o senhor não faz uma boa fofoca? — perguntou uma jornalista que integrava o grupo.



Sentado na primeira fila, FH batuca na perna o ritmo dos meninos

— Ué, eu ainda faço muitas! — respondeu brincando.

— O Fernando Henrique adorava se reunir com a turma aqui para uma boa fofoca. Aliás, se ele não fosse político, seria colunista social. Só não gostava de pagar a conta — lembrou Heráclito.

Exibindo novamente prestígio junto ao presidente, Pimenta era o único político na mesa de Fernando Henrique, formada por amigos de São Paulo como a produtora cultural Ruth Escobar, que estava acompanhada do diretor-superintendente da Fiat, Pacifico Paoli. Participante de uma das muitas versões da "turma do Poiré" — políticos que se reuniam em torno de Ulysses — Pimenta confirmou que a noite foi nostálgica:

— Relembramos os velhos tempos e revimos nossas fotografias emolduradas na galeria do doutor Ulysses.

Depois de conversar com He-

ráclito e com o deputado Nelson Marchezan (PPR-RS), Fernando Henrique procurou Miro, outro antigo companheiro.

— Ué, Miro, você agora não é o líder da oposição ao meu Governo? — brincou.

— Eu sou? Não sei! — respondeu o pedetista.

A conta de R\$ 387 foi rateada entre os oito presentes. O presidente teve o cuidado de não deixar que o executivo da Fiat pagasse sua parte. O rateio deu R\$ 48,37 para cada um. Fernando Henrique sacou seu talão de cheques e preencheu a quantia de R\$ 50, deixando que dona Ruth pagasse a parte dela. Pão-duro assumido, o presidente assinou o cheque com uma certeza: ele não será descontado. Ficará emoldurado ao lado de outro cheque, o de Ulysses.

— Vou descontar todos os outros, menos o dele — conformou ontem o dono do restaurante, Marco Aurélio Costa.

Givaldo Barbosa